



VERAS, Eduardo Horta Nassif. **O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens: uma leitura do *Setenário das Dores de Nossa Senhora***. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016.

EDUARDO VERAS, LEITOR DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

*Gabriel Amorim-Braga*¹
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
(gabriel.amorim7575@gmail.com)

*Rafael Fava Belúzio*²
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
(favabeluzio@yahoo.com.br)

*Nem pretendo, Senhora, (fora um sonho)
Dizer toda a agonia que sofrestes
Nos versos que ante vós, humilde, ponho.
Alphonsus de Guimaraens, "Sexta Dor".*

Eduardo Veras, Mestre em Literatura Brasileira (2009) e Doutor em Literatura Comparada (2013) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dedica-se à pesquisa da poesia moderna e contemporânea em contextos francófonos e lusófonos. Atualmente, é professor adjunto do Departamento de Estudos Literários da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e coordena projeto de pesquisa sobre a crise do paradigma musical na poesia moderna³. Seu livro **O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens** é uma "reprodução quase fiel de [sua] dissertação de mestrado" (p. 19), orientada pelo professor Sérgio Alves Peixoto, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras UFMG⁴. Francine Ricieri (UNIFESP), ao prefaciar o livro, destaca que

Enfrentando a necessidade de se dissociar de uma tradição crítica eminentemente ocupada com o que seriam *causas externas* do poético (do fator biográfico às influências mesológicas ou literárias), Veras propõe uma transição que deixe de lado o *porquê* dessa específica fatura poética, em proveito do *como* (2016, p. 15).

¹ Graduando em Letras, com habilitação em Português, Espanhol e suas Literaturas, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Doutor em Estudos Literários. Professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

³ Cf. Currículo do Sistema de Currículos Lattes, 2020.

⁴ O estudioso ressalta que "foram feitas algumas correções de linguagem, além do acréscimo dos paratextos, e nada mais" (VERAS, 2016, p. 19). Para fins de comparação, cf. VERAS, 2009.



Veras, ao analisar o modo de organização da obra nos níveis das partes, dos capítulos e dos poemas, isto é, os aspectos estruturais (p. 32) do **Setenário das Dores de Nossa Senhora** (1899), demonstra como se realiza a poesia alphonsina “no ‘espaço apertado’ entre a experiência mística falha e a consciência do poeta em relação à linguagem” e “faz de Alphonsus de Guimaraens nosso verdadeiro contemporâneo”, como assinala o professor Marcus Freitas na orelha do livro.

No primeiro capítulo da obra, dedicado ao misticismo do sacerdote-poeta, apresenta-se uma retrospectiva da crítica que, por muito tempo, resumiu-se em um “biografismo reinante” e na “questão das influências literárias” (p. 39). Evidencia também que, dado o *senso-comum* nas reflexões a respeito do fazer literário de Alphonsus de Guimaraens, há uma mudança de tom na crítica, que deixa, então, de ser meramente biográfica e passa ao estudo mais propriamente poético. Por um lado, essa mudança deságua em um posicionamento que “independentemente de sua origem” estuda “como se configura na poesia alphonsina a experiência religiosa e o diálogo com a tradição litúrgica” (p. 41). Por outro, “abre caminho para a revisão de temas antigos e acaba por levantar problemas novos para a Crítica” (p. 29). O autor do estudo defende que, em se tratando do universo poético de Guimaraens, “relevante para os Estudos Literários é refletir sobre as dimensões do diálogo entre poesia e cristianismo em sua obra” (p. 31). Posto isso, dimensiona as camadas da tradição litúrgica cristã-católica no **Setenário**: (i) “as evocações diretas à liturgia e aos símbolos do cristianismo” (p. 31); (ii) “a presença da mentalidade cristã” (p. 32) e (iii) “o diálogo com as formas da liturgia” (p. 33). Sendo, justamente na terceira camada, o “elemento central” do **Setenário**, que se centra a pesquisa. Em seguida, afirma que a obra de 1899, além de ser “um poema sobre a condição do sujeito poético na lírica moderna” (p. 26), “pode nos oferecer um retrato privilegiado pelo sujeito poético alphonsino perante a transcendência, a modernidade e a própria poesia” (p. 49). Assinala, também, que pretende demonstrar como da constituição formal “extrai-se uma profunda reflexão acerca da condição do poeta moderno diante da perda do sentido imanente e da falência das vias de contato com o Absoluto” (p. 49).

No capítulo dedicado ao oratório poético, abordam-se, em detalhes, os aspectos estruturais (e de como eles ajudam na compreensão global da obra) e a arquitetura discursiva do **Setenário**, que “pode ser considerada uma representação poética de uma das mais importantes e tradicionais celebrações litúrgicas do catolicismo” (p. 53), a celebração das Dores de Nossa Senhora. Com base na tradição formal, o trabalho procura “associar o **Setenário** concomitantemente à forma do oratório e a uma experiência mística frustrada” (p. 67). Dois pontos são centrais para a associação formal ao oratório: (i) “a estrutura discursiva mista”, marcada pela convergência dos gêneros dramático, lírico e épico/narrativo (p. 55) e (ii) “a arquitetura geral da obra” (p. 58), marcada por uma peça de abertura e outra de fechamento. Veras, em sua leitura, ao localizar a conotação da consciência linguística e poética de Alphonsus de Guimaraens, assinala que



O eu lírico pretende vestir o manto de Maria, experimentar, através da poesia, o sofrimento da Mãe de Cristo. Porém, a empreitada aparece, para o poeta, como algo inatingível, uma vez que sua humanidade está aquém da santidade da Virgem. Esse reconhecimento da insuficiência da linguagem, e a dimensão metalinguística da obra denuncia juntamente essa consciência (2016, p. 67).

Assim, a materialização da linguagem, pela poesia-louvor, mostra-se como elemento primordial para a corporização e vivência dos sofrimentos de Cristo, preterida em relação ao uso referencial da linguagem (p. 76). Contudo, quando a linguagem faz-se insuficiente, o solitário de Mariana submete-se à autodepreciação e aloja-se no estado de melancolia.

No último capítulo, que trata da metalinguagem e melancolia no **Setenário**, recupera-se a discussão da ambivalência sentimental e a categoriza em dois extremos: em um polo, está “a ânsia do eu lírico em presentificar as Dores de Nossa Senhora, em uma tentativa de vivenciá-las poeticamente” e, em outro, as “marcas do fracasso poético”, que se dão pela limitação da linguagem (p. 80). Dessa ambivalência enérgica, endossada pelo “o embate entre o impulso místico e a autoconsciência” (p. 80), gesta-se o centro irradiador da obra. O choque entre o anseio pelo Inefável e a consciência dos limites da linguagem, além de anunciar os elementos centrais da poética de Guimaraens, representa a experiência poética-existencial, forte no movimento simbolista (p. 85). A consciência da limitação Linguística abre espaço para que o místico frustrado lamente, pela metalinguagem, a sua condição humana. Desse lamento, o Doutor em Literatura Comparada identifica a possibilidade de “propor uma associação entre as reflexões metalinguísticas do poeta em **Setenário das Dores de Nossa Senhora** e o conceito de melancolia” (p. 88). Por fim, aproxima a experiência poética alphoncina à baudelairiana⁵, tendo como argumento a presença da “superação do confessionalismo romântico e pela tentativa de sintetizar a condição do poeta na modernidade” (p. 93). Abandonando a postura que se limitava à arquitetura visível do mórbido reino alphoncino e ao estudo bibliográfico, o ensaísta estabelece essa delimitação, fazendo o uso da imagem de uma parábola, “a complexa arquitetura [que] sugere uma preocupação que ultrapassa a questão estilística” e que, por isso, “parece dialogar em sua ânsia fracassada pela transcendência” (p. 97).

O manejo crítico, ao longo do ensaio, tende, em grande medida, a um *close reading*, isto é, “uma leitura idealmente objetiva, descritiva, atenta aos paradoxos, às ambiguidades, às tensões do texto enfocado” (COMPAGNON, 1999, p. 140). É nessa leitura atenta, em busca do pormenor, que um pobre Alphoncus, esquecido pela crítica, ressurgiu. Eliot, no clássico ensaio “Tradição e talento individual” (1989, p. 39), afirma que a tradição não pode ser herdada, mas conquistada, através de um grande esforço. Esforço que envolve o sentido histórico, ou seja, a percepção da importância do passado e de sua forte presença. Nessa

⁵ Seguindo o estudo da materialização da experiência poética, Veras (2013) investiga, em sua tese de doutorado, o diálogo que Baudelaire estabelece com o mito judaico-cristão da Queda. Cf. **A encenação tediosa do imortal pecado**.



percepção da tradição, Veras inicia o estudo visitando a recepção crítica de Alphonsus de Guimaraens e, em uma análise minuciosa, identifica brechas em chaves de leituras. Sem pretendermos citar todos (fora um sonho), um dos grandes esforços e méritos do trabalho está em, ao examinar a tradição de leitores de Guimaraens, ter encontrado frestas em estudos que se resumiam em categorizar o primo-noivo de Constança e ler a sua obra à luz da biografia. Os pilares da trajetória analítica do ensaio se dividem em: por um lado, na consciência de que a interpretação literária deve ouvir o texto (COMPAGNON, 1999, p. 47) e, por outro, no reconhecimento da necessidade de se buscarem locais distantes do senso-comum, fadado em especular a intenção do autor, que torna a crítica inútil (COMPAGNON, 1999, p. 49). Se, como afirma Compagnon (1999, p. 161), “os textos são as leituras que nós fazemos deles”, o outro mérito de Eduardo Veras está em, ao tomar o oratório como metáfora crítica, fazer do simbolista mineiro um poeta contemporâneo (FREITAS, 2016), sem precisar recorrer à exaustiva e reducionista crítica biográfica e, sim, pela leitura aguda da estrutura do **Setenário das Dores de Nossa Senhora**.

Referências

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1999.

ELIOT, T. S. **Ensaio**. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo, SP: Art Editora, 1989.

FREITAS, Marcus. “[Orelha do livro]”. In: VERAS, Eduardo. **O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens: uma leitura do Setenário das Dores de Nossa Senhora**. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016.

VERAS, Eduardo. **Currículo do Sistema de Currículos Lattes**. [Brasília], 5 nov. 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0145442433706142>. Acesso em: 29 nov. 2020.

_____. **A encenação tediosa do imortal pecado Baudelaire e o mito da queda: Baudelaire e o mito da queda**. 2013. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2013.

_____. **O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens: uma leitura do Setenário das Dores de Nossa Senhora**. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016.



_____. **O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens: uma leitura do *Setenário das Dores de Nossa Senhora***. 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

Recebido em: 29/11/2020

Aprovado em: 25/02/2021